



Medos e perspectivas de jovens vivendo com hiv/aids: um estudo qualitativo de sentidos e ressignificações

Degmar dos Anjos

Instituto federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

degmar.anjos@ifmt.edu.br

Ana Alayde Werba Saldanha

Universidade Federal da Paraíba

analayde@gmail.com

Resumo

O HIV/Aids não é uma epidemia exclusivamente física, mas também social, pois se relaciona a questões como discriminação, medo do enfrentamento público e medo da morte. Nesse contexto, o presente estudo objetivou investigar sentidos produzidos por jovens vivendo com HIV/Aids acerca do preconceito sofrido por viverem com HIV/Aids e sentidos acerca do impacto das vivências com HIV/Aids nas perspectivas de futuro. O embasamento teórico-metodológico se pautou no Construcionismo Social, que busca compreender ações, práticas sociais e sistemas de significações pelos quais as pessoas dão sentido ao mundo. Qualitativo, o estudo pesquisou 6 jovens vivendo com HIV/Aids, todos com idades entre 18 e 24 anos. A investigação se deu por meio de entrevistas semi-estruturadas e o processo de análise ocorreu em três fases distintas: 1. Leitura flutuante das transcrições; 2. Elaboração de mapas com o conteúdo integral das entrevistas e; 3. Análise dos sentidos visualizados nos mapas a partir de três tempos: longo, vivido e curto. Como resultados e conclusões observou-se: que no tempo longo surgem sentidos construídos histórico-socialmente relacionados à ideia de que ainda existem "grupos de risco"; que os preconceitos relacionados à ideia de "grupos de risco" construídos no tempo longo se materializam em forma de discriminação e estigmatização no tempo vivido e percebe-se, no tempo curto, que o medo ao preconceito social aparenta ser maior que o medo da morte. Contudo, ainda que haja tais sentidos relacionados aos medos, percebe-se que mesmo vivendo com HIV/Aids os participantes compreendem o futuro como um processo em construção, sendo possível ter esperanças.

Palavras-Chave: Juventude; HIV/Aids; Preconceito; Perspectivas de futuro; Construcionismo Social.



Abstract

The HIV / AIDS is not only a physic epidemic but it is also social, for the reason that it has been implied to issues such as discrimination, fear of public exposition and fear of death. In this context, this study aimed at investigating the meanings produced by young people who have been living with HIV/AIDS about prejudice undergone by them for having been living with HIV / AIDS and meanings about the impact of the experiences with HIV / AIDS in their future perspectives. The theoretical-methodological approach was guided by the Social Constructionism. This study investigated six young people who have living with HIV / AIDS, all of them aged 18 through 24 years. The research was carried out by means of semi-structured interviews and analysis process was done in three distinct phases: 1. Reading the transcripts according to the floating strategy 2. Elaborating content maps with the texts from the interviews and 3. Analyzing the meanings observed in maps based on the three times: long, lived and short. The results and conclusions revealed: that in the long time emerged socially historic meanings constructed in association to the idea that still exists "risk groups", that the prejudices related to the idea of "risk groups" constructed in the long time were materialized in discrimination and stigmatization in the lived time. It was observed that in the short time, the fear of social prejudice seemed to be greater than the fear of death. Although there were meanings associated to fears related to such thoughts, it was observed that even the participants have been living with HIV / AIDS, they comprehend their future as an ongoing process, where it is possible to have hope.

Keywords: Youth; HIV / AIDS; Prejudice; Perspective of Future; Social Constructionism.

Resumen

La epidemia de VIH/SIDA no es sólo física, sino también social, pues tiene relación con temas como la discriminación, el miedo a la confrontación pública y el miedo a la muerte. En este contexto, el presente estudio tuvo como objetivo investigar significados producidos por los jóvenes que viven con el VIH/SIDA sobre el perjuicio sufrido por vivir con el VIH/SIDA y sobre el impacto de las experiencias con el VIH/SIDA en las perspectivas de futuro. El embasamiento teórico y metodológico se guió en el Construccinismo Social, que busca comprender las acciones, prácticas sociales y sistemas de significación por los cuales las personas dan sentido al mundo. De forma cualitativa, el estudio investigó seis jóvenes que viven con el VIH/SIDA, de edades comprendidas entre 18 y 24 años. La investigación se realizó a través de



entrevistas semi-estruturadas y análisis de procesos ocurridos en tres fases distintas: 1. La lectura inicial de las transcripciones, 2. Preparación de Mapas con el contenido completo de las entrevistas y 3. El análisis de los sentidos que se muestran en los mapas desde tres tiempos: largo, vivido y corto. Como resultados y conclusiones se observo: que en el tiempo largo surgen significados socialmente construidos históricos relacionados con la idea de que todavía hay “grupos de riesgo”; que los prejuicios relacionados con la idea de los “grupos de riesgo”, construidos en el tiempo largo se materializan en la discriminación y la estigmatización en el tiempo vivido; y que se da cuenta, en el tiempo corto, que el temor a los prejuicios sociales parece ser mayor que el miedo a la muerte. Sin embargo, a pesar de que existen esos temores relacionados con los sentidos, se da cuenta de que, mismo viviendo con VIH/SIDA, los participantes entienden el futuro como un proceso continuo, siendo posible tener esperanza.

Palabras clave: Juventud; VIH/SIDA; Prejuicios; Perspectivas de futuro; Construccinismo social.

Introdução

Mais de três décadas se passaram desde que os primeiros casos de HIV/Aids foram descobertos. Os avanços das pesquisas médicas e científicas, além da forte militância dos movimentos sociais, trouxeram muitas conquistas para as pessoas vivendo com HIV/Aids, mas o preconceito e a discriminação parecem resistir. Não foi por menos que Mann et al (1993), ainda na primeira década da epidemia, se preocupou com o que ele chamou de “terceira epidemia”, ou epidemia do estigma, discriminação e negação coletiva (Costa-Couto, 2007; Soudbrack, 2003; Mann et al, 1993). Nesse contexto, muitos são os estudos que apontam a existência de uma síndrome social, ou epidemia social, carregada de preconceito e discriminação que cerca a doença e que gera efeitos psicoemocionais negativos nas pessoas que convivem com o vírus, ampliando a angústia, o medo da morte e as incertezas da vida (Azevedo 2011; Silva, 2011; Saldanha, 2003).

Contudo, em casos relacionados aos jovens, as perspectivas de futuro aparecem como um outro fator agravante desse quadro de angústias e incertezas, dado que os sentidos relacionados à perspectiva de futuro e as mudanças nas temporalidades contemporâneas tem se tornado uma das preocupações sociais mais acionadas quando o assunto é juventude (Franch, 2011; Franch, 2008). Nesse aspecto, as preocupações com a preparação para o futuro é um dos significados mais



comumente associados a essa idade da vida, sobretudo quando se quer enfatizar seu caráter de transição para o mundo adulto. E, se para os jovens, em geral, tal ponderação se torna angustiante, o que se dizer dos jovens que vivem com HIV/Aids, que necessitam conviver com os impactos causados ao corpo pelo vírus ou pela Terapia Antirretroviral (TARV) e ainda precisam enfrentar o preconceito e a discriminação? Embasados pelo questionamento anterior, este estudo objetivou, de forma qualitativa, investigar sentidos produzidos por seis jovens, com idades entre 18 a 24 anos, todos vivendo com HIV/Aids.

Como construto teórico-metodológico, seguiu-se uma perspectiva construcionista social investigando a produção de sentidos enquanto práticas discursivas enunciadas por pessoas, aceitando-se nos mecanismos de análise que a mais importante manifestação interacional é a linguagem. (Gergen, 2009; Spink, 2000; Ibañez, 1994).

Para o processo de investigação, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, que foram gravadas e transcritas para análise. O processo de análise ocorreu em três fases distintas: 1. Leitura flutuante das transcrições; 2. Elaboração de mapas com o conteúdo integral das entrevistas de acordo com as grandes categorias analíticas encontradas; e 3. Análise dos Mapas e das grandes categorias analíticas em busca da produção de sentidos dos jovens a partir de uma divisão temporal categorizada em tempos longo, vivido e curto (Anjos, 2012; Spink, 2010).

Com o intuito de seguir todos os procedimentos de acordo com a Resolução nº 196/96 do Ministério da Saúde do Brasil, sobre pesquisa envolvendo seres humanos, o estudo foi submetido e autorizado pelo Comitê Ético da Secretaria Estadual de Saúde da Paraíba em 22 de dezembro de 2011.

1. Jovens com longas histórias

Os seis jovens participantes são oriundos de lugares distintos, com histórias de vidas diferentes, apresentando características sócio-econômicas desiguais e de gêneros e orientações sexuais diversos, mas que se estruturam em um conjunto devido a um único elemento comum: o viver com o HIV/Aids.

Para que possamos conhecer esses jovens que abriram suas vidas para a elaboração deste estudo, acreditamos que se faz necessária a identificação, resguardando-se, obviamente, o sigilo relacionado às questões éticas. Para tanto, optamos em apresentá-los em forma discursiva com o intuito de possibilitar uma



visão mais próxima das histórias desses jovens que estudamos em busca de sentidos e ressignificações. Procuramos, aqui, apresentar um rápido relato de cada um dos participantes para compreendermos, ainda que superficialmente, como se construíram, como vivem hoje e o que esperam de seus futuros.

Há, nas apresentações dos jovens, o uso de pseudônimos e analogias que remetem a mitos e deuses da mitologia grega (Franchini, 2007 e Bulfinch, 2002). Duas são as razões para esta escolha: primeiramente, a cultura ocidental tem na cultura helênica um de seus pilares mais elementares e, ainda hoje, remetemo-nos a essas divindades como forma de ressaltar determina dos valores sociais e pessoais. Em segundo lugar, como os deuses da mitologia grega são compostos por defeitos e virtudes humanas, podem atuar, seguindo o pensamento de Weber (2004), como "tipos ideais", dado que não correspondem à realidade, mas podem ajudar em sua compreensão para o entendimento de sentimentos humanos. Temos a possibilidade de, com esses pseudônimos, criar símiles que apresentem as dores, mas que enfatizem a luta cotidiana e os esforços de cada jovem participante nos enfrentamentos decorrentes das vivências com HIV/Aids. O que, às vezes, é só uma característica, mas, em outras, compõe a base subjetiva dos julgamentos individuais de si, das relações com o outro e das perspectivas de futuro.

A relação entre participante e mito grego foi feita arbitrariamente por nós, mas tendo como baliza e critério as percepções ocorridas nas leituras dos mapas que apontaram relações entre a história de vida do participante e as peculiaridades da divindade que, nos mitos, encontra suas forças justamente em suas fraquezas e seus contrários antitéticos. Além dessa relação, ousamos atribuir aos jovens que vivem com HIV/Aids um status que ultrapasse o senso comum de debilitado, de fragilizado ou até marginal. Com esse cruzamento, há subentendida a proposta de apresentá-los como alegoria de luta social não só contra o HIV/Aids, mas também contra quaisquer entraves psicológicos que estigmatizem um determinado grupo dentro do consenso da "normalidade". A ordem de apresentação segue, exatamente, a ordem temporal em que as entrevistas foram realizadas (Anjos, 2012).

1.1. Perséfone

É hora de continuar "com muito mais coragem de viver , mais ânimo pra buscar realizar os meus sonhos, meus objetivos na vida". Foi com essa frase que nossa primeira participante concluiu sua entrevista. Se pensarmos em viver com mais coragem e, ao mesmo tempo, ter mais coragem de viver, veremos que não há apenas um jogo de palavras, mas uma complementação que sugere um



amadurecimento de espírito. Depois de todas as dores, de todas as decepções, de todos os sofrimentos, querer continuar a vida, e ter coragem para isso, é tarefa, efetivamente, para alguém que tem um toque divino. Na mitologia grega, Perséfone é a filha da deusa da agricultura, da fartura. Ela foi raptada por Hades e obrigada a se tornar a rainha do mundo inferior. Entretanto, por interferência e esforço de sua mãe, ela retorna à terra, trazendo consigo a vida, a esperança do recomeço que encontramos no verão e na primavera. Ela é a própria a reflorescência. Para que isto ocorra, é claro, tem que primeiro haver a descida ao inferno e assim o fez. Nossa Perséfone, com apenas 19 anos, já traz no rosto uma aparência madura. Não podemos ver sua alma, mas a julgar pelo clichê dos olhos, podemos dizer que muitos anos, mais do que a biologia a ela atribui, passaram por ela. Tê-la como primeira entrevistada foi marcante, pois rompeu com todo e qualquer estereótipo que se poderia ter de uma pessoa vivendo com HIV/Aids. Extremamente bonita, Perséfone se casou aos 16 anos pela primeira vez. Um ano e meio depois, a colheita lhe trouxe frutos amargos. Ela descobriu que ele já vivia com HIV/Aids e que ela fora contaminada. Atualmente, segue, sem tomar qualquer medicação, apesar de seu último exame apontar uma queda do CD4, o que será analisado pela médica com a qual faz o acompanhamento. Se isto poderia ser uma dor, ao que tudo indica, ela aprendeu a conviver com esses reveses, pois, com um sorriso pleno, ela mantém uma postura altiva, com os olhos colhendo o ouvinte, também nos olhos, transparecendo confiança no outro, mas muito mais em si mesma, como quem emerge das profundezas da terra, com vida em abundância. Nos momentos mais delicados da entrevista, quando falou de sua contaminação pelo ex-marido, extremamente violento (e que sabia da sorologia, mas só informou a ela quando estava a caminho do hospital), demonstrou uma tranquilidade que, em seções seguintes desta Tese voltaremos a analisar, quando falarmos dos mecanismos de enfrentamento apresentados pelos jovens entrevistados. É assim que se constroem suas perspectivas, mesmo não tendo boas experiências com o parceiro, ela se coloca parceira de uma nova vida, mesmo não tendo obtido verdade nos relacionamentos, ela se apresenta sincera, querendo construir o que a ela foi negado. Perséfone está saindo de uma relação amorosa e em processo de mudança para uma grande cidade do País, onde um novo começo espera uma jovem, e madura, mulher.



1.2. Hermes

Com dois caminhos à frente, temos Hermes, o mensageiro dos deuses, aquele que escolhe e indica os caminhos. No caso do segundo jovem a ser entrevistado, encontramos um homossexual assumido perante a família, mas ainda com medos das reações agressivas da sociedade. Com 21 anos, residindo com a mãe, ele já fez algumas escolhas que comprovam uma vida pra muito além do HIV/Aids. Estudante universitário, nosso Hermes possui um aspecto tímido, daqueles que olham para o chão quando falam e ficam vermelhos ao dar algumas declarações, mas isto apenas num primeiro momento, num primeiro olhar. Ao sentir firmeza nos companheiros de estrada, representados no pesquisador, ele foi se soltando aos poucos e entregando a imagem de um jovem sonhador, com medos e anseios quanto ao futuro, mas com passos em direção a ele. Mesmo que inseguro, Hermes continua caminhando e, ainda que tenha pensado em desistir da graduação na área de informática, demonstra que se autoanalisar é uma forma de continuar lutando. Seus passos não são fáceis. Vive só com a mãe, possuem baixo poder aquisitivo, cresceu abandonado pelo pai, e tem como ponto de apoio a mãe e uma irmã, já casada. Descoberta sua sorologia apenas há um ano, Hermes já teve que iniciar a TARV (Tratamento Antiretroviral) no início do mês em que foi realizada a entrevista, dado que apresentou um quadro de complicações associadas à Aids. Mas, o mais importante, essas dores do caminho continuam como motivação ao passo. Como bem disse ao finalizar a entrevista, essas dores não o farão desistir, afinal, para Hermes “não acabou, nada acabou. Acho que foi uma nova chance, sei lá. Tudo bem que é bem melhor você não ter, mas a partir do momento que você contrai, você tem que tomar determinados cuidados, deixar alguns hábitos que você tinha quando você não era e levar uma vida normal. Precisa apenas viver de uma nova forma, de um novo jeito.”

1.3. Hefesto

Diz o ditado popular que quem desafia o fogo sempre sai perdedor. Hefesto, o deus do fogo, dos metais e da metalurgia, conhecido como o ferreiro divino na mitologia grega, é o responsável por forjar as armas e os itens de proteção de todos os outros deuses. Nosso terceiro jovem a ser entrevistado exemplifica bem esta postura: insere-se em movimentos sociais e demonstra uma preocupação constante em discutir temas ligados ao HIV/Aids, lutando pela proteção daqueles que socialmente estão mais vulneráveis. Hefesto, com 24 anos, é homossexual assumido perante a família e a sociedade e desde 2009 sabe de sua sorologia.



Formado em Direito, atualmente é advogado público e uma liderança em instituições que lutam pela causa LGBT e pelas questões sociais ligadas ao HIV/Aids. Mas se há uma faceta que é poderosa, dado ser o ferreiro capaz de criar as mais seguras armaduras, há também um lado extremamente fragilizado, um poente de medos do futuro e questionamentos dos porquês da vida, o Hefesto mitológico possuía uma deficiência física que o tornava feio entre os deuses, tendo sido por isso expulso do Olimpo, sendo a ele negado o convívio com os demais deuses. O Hefesto de nosso estudo também foi expulso de um Olimpo moderno. Na fase inicial de sua juventude, sonhara em ser religioso, chegando a participar ativamente das atividades da Igreja Católica e a se matricular no seminário, lugar em que desenvolvia com afinco as atividades na expectativa de um dia ser um bom religioso. Contudo, quão grade foi sua decepção ao descobrir a sorologia e contar para o pároco responsável pelo seminário. Em lugar de uma palavra de conforto, ouviu “que existia uma dificuldade entre o sacerdócio e a vida religiosa” e que, pelo fato dele agora ser soropositivo, “levaria muitos cuidados e a instituição não estaria preparada para isso”. Igual ao Hefesto grego, lhe foi negado o convívio entre os “puros” ou os “não doentes” do seminário. Outra tristeza vivida pelo Hefesto mitológico foi o abandono por parte de sua mãe, Hera, que com vergonha dos demais deuses renegou o seu próprio filho. Nosso Hefesto também se viu abandonado quando sentiu, dentro de sua própria casa, o sofrimento que o desconhecimento e a ignorância podem causar à pessoa que vive com o vírus e às pessoas que estão ao redor, quando viu sua própria mãe separando, talheres, pratos, roupas de cama e de banho e outros utensílios pessoais específicos para ele utilizar a partir daquele momento. Mas se houve sofrimento, tanto o Hefesto grego quanto o participante do estudo tiveram também suas retomadas de espaço e poder. Na mitologia, os deuses, ao descobrirem como Hefesto era um excelente ferreiro e artesão, imploram seu retorno, sendo que coube a ele o privilégio de confeccionar as mais belas jóias e as mais seguras armas e escudos, tendo ele como prêmio o casamento com a mais bela de todas as deusas. De forma similar, nosso Hefesto também teve seu momento de reconhecimento, ao se tornar um profissional prestigiado e reconhecido tanto pelos movimentos sociais quanto pelo Governo Estadual do estado em que vive. Pelos conhecimentos de advogado público, nosso Hefesto, mesmo vivendo com HIV/Aids e sofrendo o preconceito social, insiste em possibilitar aos outros a segurança e a defesa que, muitas vezes, lhe foi negado.



1.4. Letó

Letó foi a quarta jovem a ser entrevistada. Com apenas 21 anos, é uma mãe que cuida sozinha de três filhos (o mais velho, tendo 7 anos, e dois menores uma menina com 5 anos e um menino com 3 anos), sendo que um deles, o mais velho, também vive com HIV/Aids. Letó descobriu a sorologia há dois anos e atualmente está reiniciando a TARV (pois desistira de tomar os medicamentos algum tempo atrás, mesmo depois de ter ficado um período internada por sintomas relacionados à Aids). Durante as conversas, foi possível perceber como os sofrimentos de mulher e de mãe se misturam. Pela mitologia grega, Letó é uma das divindades que mais sofreu. Conta-se que ela, após se engravidar de Zeus, que estava casado com Hera, sofreu, abraçada a uma palmeira, contorcendo-se em dores por nove dias e nove noites, dado que Hera, em vingança, tentava impedir o nascimento de seus filhos. Nossa Letó também é uma jovem que aqui exemplifica bem o dilema de milhares de outras mulheres jovens que como ela são vítimas dos abandonos marital, familiar e social. Conta-se em outro relato mitológico que Letó, perseguida pela implacável Hera, fugindo com os dois filhos ao colo, chegou a uma aldeia num dia de intenso calor e deteve-se aniquilada pela sede e pelo cansaço às margens de um tanque, mas alguns camponeses ocupados em arrancar caniços impediram-na de beber, expulsando-a brutalmente. Como relatou na entrevista, nossa Letó também sofreu a expulsão e o abandono. Houve dias em que foi obrigada a dormir na rua, embaixo de uma marquise, com os filhos ao colo, sem ter ou receber o apoio de ninguém, mesmo tendo uma grande família em João Pessoa. Contudo, assim como a divindade da mitologia grega, Letó, mesmo sofrendo agruras, teve sempre como meta os cuidados e a proteção aos filhos. Sua vida, cheia de reveses e tristezas, começou a mudar, segundo ela, ao conhecer uma ONG que milita em defesa dos direitos das pessoas vivendo com HIV/Aids. Nessa instituição, com a ajuda de psicólogos e outros militantes sociais, a ela pode voltar a olhar para a vida com perspectiva de que as coisas podem ser diferentes. Durante a entrevista relatou que estava sorridente, pois acabara de receber as chaves de sua primeira casa, conseguida graças a um projeto social que destinou casas populares a mulheres vítimas de abandono. Ao final, disse que, com a casa e com o apoio da Ong, consegue esperar seguir vivendo, dado que vê, em si mesma, uma mudança de perspectivas. Segundo ela “Eu não pensava no futuro. Eu agora to pensando...”



1.5. Hera

Hera, a rainha das deusas, ao contrário do que se pode pensar, é também um símbolo de sofrimento. Apesar de representar a fidelidade matrimonial, ela é constantemente traída e não possui recursos para enfrentar seu marido, Zeus, o deus dos deuses. Do mesmo modo, Hera, a quinta jovem entrevistada, possui 24 anos, tem dois filhos (um de 6 e outro de 3 anos de idade) e também foi, de certo modo, vítima do marido, que, no presente caso, a contaminou ao manter relações sexuais extraconjugais. A entrevista com ela foi realizada em duas ocasiões, dado que na primeira, logo no início da entrevista, Hera teve uma crise de choro muito forte. Naquele instante, nos silenciámos, segurei em suas mãos e ela continuou chorando, até que o choro foi aos poucos diminuindo. Foi então que ela disse que seu marido estava internado, extremamente mal, que seus dois filhos estavam sozinhos em casa, em uma cidade do interior do nordeste brasileiro, e que ela estava com muito medo de que seu marido falecesse e ela tivesse que continuar a viver sozinha com os filhos. Já na segunda ocasião, quando voltamos a conversar, Hera estava bem mais sorridente. O quadro clínico do marido melhorara e os médicos disseram que ele não corria mais o risco de morrer. Foi então que aos poucos, foi relatando que seu marido já desconfiava que vivia com HIV, mas nunca mencionou a ela. Apenas no momento da primeira internação dele foi que ela soube, dado que os médicos, ao constatarem que ele estava com fortes sintomas da Aids, pediram para que ela fizesse os exames, sendo o resultado positivo. Porém, mesmo tendo sido contaminada pelo marido, Hera prefere esquecer as inúmeras traições e demonstra sua faceta mitológica, relatando que ainda o ama e se preocupa muito com sua saúde. Seus dois filhos não foram contaminados, motivo pela qual agradece se diz feliz. Ao falar dos medos, Hera mais uma vez se esquece das traições do marido, da contaminação transmitida por ele a ela e conclui afirmando "Só tenho medo dele falecer, tirando isso, eu não tenho medo de mais nada não. Eu olho pra frente mesmo, com força de viver. É..".

1.6. Zeus

Zeus na mitologia grega, é o rei dos deuses, soberano do Monte Olimpo e deus do céu e dos trovões. Nosso Zeus, sendo o mais novo dos participantes do sexo masculino, tendo apenas 18 anos de idade e havendo descoberto a sorologia havia dois meses, é o jovem que completa o grupo de dez participantes que analisados neste estudo. Pela mitologia, Zeus frequentemente era mostrado pelos gregos em uma de duas posturas: ereto, inclinando-se para a frente, com um raio em sua mão



direita, erguida, ou sentado, em pose majestosa. De igual maneira, mesmo sendo extremamente jovem, nosso Zeus demonstra ter a altivez e a imponência de quem tem um futuro brilhante pela frente. A entrevista com ele, um rapaz alto, forte e com aparência de quem faz grande sucesso entre as garotas, foi uma das mais longas de toda a coleta de dados. Aos poucos, em meio a um diálogo no qual os temas mais variados foram abordados, foi possível conhecer um pouco deste jovem que ao mesmo tempo em que mostra altivez, demonstra a insegurança e fragilidade de quem ainda está extremamente assustado. Sendo filho único, ele reside sozinho com a mãe, uma mulher que segundo seus relatos ainda é jovem, trabalha prestando serviços de manicure para o sustento dos dois e está separada do esposo, que a abandonou já faz alguns anos. Lembrando-se da mitologia, o poderoso do Olimpo, quando ainda adolescente, se associou a Metis, a deusa da Prudência, para conseguir lutar com seu pai, Cronos. Similarmente, segundo nosso Zeus, foi o histórico de dificuldades familiares que o fez estudar com afinco para poder frequentar um curso técnico de educação profissional integrado ao ensino médio em uma das melhores instituições públicas da região e passar todos os anos com as melhores notas da classe, buscando na prudência da escolaridade a forma de vingar o abandono paterno. Atualmente, estudante de uma instituição federal de ensino na região de João Pessoa, está cursando o último ano de um curso do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional – o que garantirá que possa continuar os estudos se autosustentando – e sonha em seguir carreira na área da saúde, expressando o desejo de cursar, um dia, o doutorado em alguma área na qual possa pesquisar acerca do HIV/Aids. Durante a entrevista o jovem se manteve extremamente calmo, demonstrando uma inteligência daquelas de assombrar um docente experiente e dialogando sobre questões ligadas ao HIV/Aids com a segurança de alguém que passou tempos pesquisando acerca do tema. E realmente assim ocorreu. Quando questionado sobre como sendo tão jovem possuía tão amplo conhecimento acerca do tema, Zeus respondeu, em meio a um sorriso de tristeza, uma das frases que certamente marcou a mim: “a vida possui certas coincidências que se tornam altamente irônicas”. O motivo da frase foi explicado em seguida. No final do ano de 2011, um de seus docentes dividiu temas a serem pesquisados e abordados pelos alunos em um trabalho escolar. Coube ao grupo de Zeus pesquisar, justamente, acerca do tema “30 anos de Aids no Brasil”. Relata o jovem que o grupo pesquisou a fundo, tendo recebido do professor a nota máxima pelo trabalho. Motivado pelo trabalho escolar, o jovem resolveu, um dia, em um desses rompantes juvenis, realizar o exame de HIV. Quão grande foi sua surpresa ao obter a positividade como resposta. A angústia ao aguardar o resultado do reexame; o sofrimento ao constatar a certeza de sua sorologia; a tristeza ao chegar



em casa e contar acerca do exame para a mãe; a dor ao terminar o namoro sem poder explicar os reais motivos (namorada com quem não chegara a manter relações sexuais); o medo de encarar os colegas ao adentrar à escola depois da descoberta; as horas passadas em frente ao computador pesquisando sobre o tema e as dúvidas em saber como se contaminara, mesmo sendo tão cuidadoso, são sentimentos e emoções que não poderiam ser transcritas em palavras por nenhum escritor, nem mesmo os mais exímios possíveis. Contudo, recorrendo uma última vez à mitologia, é válido lembrar que o Zeus original teve que passar por fortes batalhas e por inúmeras lutas, não sucumbindo a nada para ocupar seu espaço no Olimpo e na mitologia. O Zeus que aqui participa também passa, atualmente, por um momento de grandes dificuldades, mas a segurança e a firmeza com que aperta as mãos ao cumprimentar na despedida é um indício claro de que esse Zeus também não sucumbirá ao HIV/Aids.

Análises e conclusões

Ao buscarmos analisar as entrevistas realizadas com os jovens vivendo com HIV/Aids, recorreremos a autores construcionistas sociais e vislumbramos, em Spink (2010), uma reflexão teórica que poderia ser praticada neste estudo. Segundo a autora:

temos trabalhado a noção de repertórios linguísticos a partir de uma matriz que engloba três tempos: o *Tempo Longo*, o *Tempo Vivido* e o *Tempo Curto*. Essa proposta torna a pesquisa com práticas discursivas mais complexas por ser ela, concomitantemente, uma microanálise (o *Tempo Curto* da interação), uma pesquisa das estruturas sociais geradoras de *habitas* (o *Tempo Vivido*) e uma exploração da história das ideias (o *Tempo Longo*). Spink (2010, p. 26)

Nesse contexto, ao categorizarmos os diálogos com os jovens a partir dos tempos longo, vivido e curto, foi possível constatar como o medo do preconceito, em especial naqueles que sofreram algum tipo de discriminação, se presentificava nos relatos e nas histórias de vida. Compreender que tal preconceito surge num processo histórico, atrelado ao momento de surgimento do HIV/Aids no cenário internacional, bem como analisar os preconceitos vivenciados por muitos dos jovens participantes ao longo do tempo em que estão impactados pelo HIV/Aids, nos apontaram, ao longo dos três tempos estudados, que a luta diária contra o preconceito e a estigmatização é dolorosa, desgastante e que é (re)construída com toda a gama de recursos e depende de um conjunto de fatores, fazendo com que os jovens criem estratégias de enfrentamento ao preconceito aterrorizante.



Destaque-se que ao contrário do que se poderia imaginar pelo senso comum, mesmo todos os jovens estando vivendo com HIV/Aids, percebemos, no decorrer do estudo, que os sentidos referentes aos medos não se relacionam, diretamente, com a ideia de morte ou de finitude. O medo maior percebido foi o medo ao preconceito e à estigmatização. Os sentidos construídos socialmente, ao longo do processo histórico que circunda o HIV/Aids, estão de tal forma arraigados em nossa sociedade que amedrontam mesmo aqueles que nasceram posterior ao momento do terror existente nos primeiros anos de HIV/Aids, quando ainda não se sabia exatamente de que se tratava, para a época, a nova epidemia. Esse medo à estigmatização é angustiante para os jovens vivendo com HIV/Aids, em vista dos enfrentamentos decorrentes das vivências diárias com o HIV/Aids (Anjos, 2012).

Contudo, há algo tão preocupante quanto a forma como o medo do preconceito pode afetar os jovens vivendo com HIV/Aids, que é a forma como o medo do preconceito pode afetar os jovens que ainda não fizeram o exame e não sabem de sua sorologia (Camargo e Botelho, 2007). O medo, aqui, possibilita a ampliação da vulnerabilidade ao HIV/Aids, pois o jovem, ao sentir medo de realizar o exame por conta do preconceito que circula ao redor do tema pode, em decorrência de tal medo, estar disseminando o vírus a outras pessoas.

Ao analisarmos as vozes dos participantes observamos, ainda, como a discriminação é cruel e desumana e, como tais vozes clamam por um combate a todas as formas de discriminação. Os sentidos apontam para a necessidade de que haja um envolvimento total da sociedade, em todos os seus segmentos, em especial os relacionados às áreas de educação, saúde e direitos humanos, para que, a luta contra o preconceito não seja travada apenas pelas pessoas vivendo com HIV/Aids, até mesmo porque a vulnerabilidade maior é de ordem social.

Contudo, além das questões atreladas aos preconceitos, havia também no objetivo deste estudo o interesse de assimilar os sentidos produzidos pelos jovens vivendo com HIV/Aids acerca da perspectiva de futuro. Esse objetivo talvez pudesse ser compreendido com receio ou desconfiança se apresentado no passado. Como exemplo, podemos retomar um grande cantor e compositor brasileiro que foi vítima da Aids nos anos noventa.

A angústia presente na composição da canção "A Via Láctea", de Renato Russo, simboliza e representa os sentimentos de tristeza e "morte anunciada" que permeava o HIV/Aids. Na canção, composta e gravada em 1996, o cantor e compositor declama pouco antes de falecer vítima de complicações da Aids:



*“Hoje a tristeza não é passageira
Hoje fiquei com febre a tarde inteira
E quando chegar a noite
Cada estrela parecerá uma lágrima
Queria ser como os outros
E rir das desgraças da vida
Ou fingir estar sempre bem
Ver a leveza das coisas com humor*

(...)

*Eu me sinto tão sozinho
Quando tudo está perdido
Não quero mais ser quem eu sou”*

As citações acima são retratos claros da perspectiva de futuro que poderia aparecer na voz de um jovem vivendo com HIV/Aids na década de oitenta ou nos anos iniciais da década de noventa. Certamente, uma compreensão radicalmente diferente da encontrada na voz dos jovens participantes. Ao confrontarmos as vozes acima de Cazuzu e de Renato Russo, com a voz de Perséfone, quando ela menciona que “‘tô’ com vontade, ‘tô’ com coragem de correr atrás, e vou correr”, é possível compreender o quanto há, nos jovens que do estudo participaram, uma outra visão que não a característica dos anos oitenta e noventa.

Nossos participantes, ainda que enfrentando diversas dificuldades e convivendo com muitos medos, sabem que é possível ter esperança, que é possível “ter vontade” e “correr atrás”. Ao estudarmos os sentidos atribuídos à perspectiva de futuro, observamos que há, nos jovens, certo medo, certo receio, mas que não há sombras, não há a escuridão. Os sentidos apontam para um medo enfrentável, para um receio que pode ser superado pela esperança pelo apoio social. Mesmo que no momento do diagnóstico surja o medo da morte, seja em decorrência dos efeitos colaterais da medicação, seja pela assimilação de conhecimentos relacionados ao HIV/Aids, tal medo é desconstruído ao longo da vivência com HIV/Aids, fazendo com que o sentimento de “encontro marcado” existente no tempo longo não seja percebido no tempo curto em nenhum dos participantes, não tendo sido ouvido em nenhuma das vozes.



Este estudo, portanto, observou que os sentidos que permeiam o HIV/Aids foram, em grande parte, marcados pelo flagelo da discriminação e do estigma, bem como pelo terror que esses sintomas da terceira epidemia (Anjos, 2012; Mann et. al., 1993) causam às pessoas que vivem com HIV/Aids, em especial aos jovens. Compreender tais sentidos é, certamente, um enorme desafio, mas é um desafio que precisa, obrigatoriamente, ser enfrentado. Lutar contra a discriminação é importante não só para os cuidados voltados às pessoas que vivem com HIV/Aids, mas também por impactar positivamente nas ações de prevenção.

É certo que os sentidos construídos ao longo da epidemia, principalmente nos anos iniciais, já cristalizaram algumas de suas marcas. Justamente por ser de aspecto subjetivo, modificar ou reconstruir os sentidos é uma tarefa árdua, desgastante. Mas as alegorias míticas que circularam por esse estudo demonstram bem que mesmo as tarefas mais desafiadoras podem ser enfrentadas, podem ser vencidas. O tempo longo, construído nesses mais de trinta anos de epidemia de HIV/Aids, cristalizou o preconceito e a discriminação sofridos por nossos participantes em seus tempos vividos, mas o tempo curto de nossas vivências sociais presentes e futuras pode desconstruir ou ressignificar tais sentidos, possibilitando a construção de outros, em que o estender a mão e o ser solidário sejam a marca maior.

Referências

- Anjos, D. (2012). Quando três tempos se encontram: Sentidos e ressignificações de jovens vivendo com HIV/Aids. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social - UFPB. João Pessoa.
- Azevedo, R. L. W. (2011). Resiliência, Sintomatologia Depressiva e Ansiedade em Pessoas com HIV/AIDS. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social - UFPB. João Pessoa.
- Bulfinch, T. (2002). O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis. 26. ed. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Costa-Couto, M. H. (2007). A Vulnerabilidade da Vida com HIV/AIDS. (Tese de doutorado). Instituto de Medicina Social – UFRJ. Rio de Janeiro.
- Franch, M. (2008). Tempos, contratempos e passatempos: um estudo sobre os sentidos e os usos do tempo entre jovens de grupos populares do Grande Recife. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia – UFRJ. Rio de Janeiro.
- Franch, M. (2011). Como será o Amanhã? Juventude, exclusão social e construção



- simbólica do futuro no Grande Recife. Em: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Diversidades e (Des)iguadades. Salvador: UFBA.
- Franchini, A. S. (2007). As 100 melhores histórias da mitologia: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana. 9 ed. Porto Alegre: L&PM.
- Gergen, K. J. (2009). O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis, 6(1), 299- 325.
- Ibañez, T. (1994). La construcción del conocimiento desde una perspectiva socioconstrucionista. In: Montero, M. (org.). Conocimiento, realidad e ideología (p. 39-48). Caracas: Asociación Venezolana de Psicología Social.
- Mann, J., Tarantola, D. J. M. & Netter, T. W. (1993). Como avaliar a vulnerabilidade à infecção pelo HIV e AIDS. Em: Parker R. A AIDS no mundo (p. 276-300). Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS, UERJ.
- Saldanha, A. A. W. (2003). Vulnerabilidade e Construções de enfrentamento da soropositividade ao HIV por mulheres infectadas em relacionamento estável. (Tese de doutorado). Pós-graduação em Psicologia – USP. Ribeirão Preto.
- Silva, J. (2011). O impacto da AIDS na Qualidade de Vida de pessoas na maturidade e velhice. (Tese de doutorado). Pós-Graduação em Psicologia Social - UFPB. João Pessoa.
- Soudbrack, M. S. (2003). El Abordaje de otras dimensiones de exclusión y vulnerabilidad: uso de drogas, pobreza, condicion de minoria étnica, migrantes y privados de libertad. Em Izáosla, J. A. (Org.). Situación del VIH/SIDA en America Latina y el Caribe: una revision basada en el foro 2003 (p.165 – 205). México: Fundación mexicana para la salud, AC.
- Spink M. J. (org.) (2000). Práticas Discursivas e Produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. 2.ed. São Paulo: Cortez.
- _____. (2010) Linguagem e produção de sentidos no cotidiano. Rio de Janeiro. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Weber, M. (2004). A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais. Em: Cohn, G. (Org.). Sociologia. São Paulo: Ática.